

## Matéria para *Angústia*

Marcos Falchero Falleiros\*

**Resumo:** Graciliano Ramos sempre confessou sua falta de imaginação. Rolando Morel Pinto diagnosticou esse aspecto de sua obra com a qualificação de “autor-ator”: é o que revela a necessidade do artista de compor as personagens de seus romances com elementos da própria biografia. Em *Angústia*, especialmente, isso se verifica quando Luís da Silva relembra o tempo em que morou no Rio de Janeiro. Entre agosto de 1914 e agosto de 1915, o jovem Graciliano viveu no Rio, trabalhando na imprensa, em condições precárias, com o objetivo de firmar-se ali como escritor. Afinal, voltou para Palmeira dos Índios, em meio a uma tragédia familiar, decidido a abandonar sua vocação.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos. *Angústia*. Biografia. Evento e forma.

As cartas de Graciliano Ramos dão provas de uma adolescência dedicada inteiramente à literatura. A família mudou-se de Viçosa para a vizinha Palmeira dos Índios, em Alagoas, quando ele completava dezoito anos. Sua correspondência, a partir daí, com o amigo de tertúlia em Viçosa, Joaquim Pinto da Mota Lima, revela muitos antecedentes, num misto de ingenuidade provinciana e grande sofisticação intelectual. Tal duplicidade se confirma em seus sonetos de juventude, cuja produção pode ser indício da matéria biográfica que enformou a obra. Tem-se notícia desses poemas graças, principalmente, à pesquisa pioneira de

---

\* Professor doutor de literatura brasileira da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marcfal@ufrnet.br.

Moacir Medeiros de Sant'Ana, que identificou vários pseudônimos e localizou, entre outros escritos, vários poemas de sua autoria. Dois desses sonetos, os primeiros, foram publicados nos números 251, de 6 de julho de 1907, e 340, de 20 de março de 1909, na revista *O Malho*, onde, com precocidade, o jovem Graciliano, em torno de 14 a 16 anos, exercita flerte de footing e denso erotismo adolescente em linguagem preciosa, sintaxe de alta precisão, gosto pelo truncamento do enjambement e imagens téticas:

*Matéria para  
Angústia*

---

Confissão

(À senhorita Aurea Accioly)

7

Não quero merecer um sorriso de amor  
Daquela que atormenta e que fere meu peito;  
Não quero mitigar ao menos minha dor  
De lágrimas regando um coração desfeito.

Tragarei sem tremer a taça do licor  
Amargo que o destino a mim sempre tem feito  
Beber, mas sem mostrar o profundo terror  
Que o coração me empolga e o lacera sem jeito.

Lamentarei, sozinho, a forte dor tão funda  
Que o peito me devora, esta dor lancinante,  
Que mata, lentamente, e que afinal é oriunda

Dos agros do amor, e da sinistra sorte,  
Que me persegue sempre, embora, agonizante,  
Eu só possa esperar a placidez da morte...

Maceió

Feliciano de Olivença

Sonho de um doudo

*Às minhas visões*

Como num sonho oriental submerso,  
Às vezes fico a meditar, cismando,  
Longe da terra o pensamento voando,  
O olhar exangue de ilusões asperso.

*Marcos  
Falchero  
Falleiros*

Vejo em revoada, pálido e disperso,  
De belas formas feminis um bando  
Que, vaporoso, foge se evolando  
Em brancas nuvens diáfanas imerso.

Bocas vermelhas, palpitantes e úmidas,  
Pomas ebúrneas, rígidas e túmidas  
Vejo através do pensamento infrene...

E quando acordo, pálido e tristonho,  
Por essas formas virginais de sonho  
Sinto um desejo lúbrico e perene...

Viçosa, Alagoas

S. de Almeida Cunha

8

Depois, aos 21 anos, ele parte, na companhia do amigo Mota Lima, para o Rio, onde fica de agosto de 1914 a agosto de 1915, mantendo agora correspondência com os familiares, em cartas cheias de verve, entusiasmo e ironia com as vicissitudes. As confissões mais sombrias, raras, que deixa escapar cercadas de jocosidade, revelam o fundo escuro que os pseudônimos do adolescente há anos escondiam e publicavam: os sonetos com orquestração imagética impressionante, acolhidos por *O Malho* em uma de suas páginas semanais, em meio à versalhada vinda de todo o país:

A tormenta

Um diabólico alvor de relâmpagos brilha  
Sinistramente no ar umedecido e baço.  
Tudo negror. E o vento entoando em tonadilha  
Queixas e maldições, arqueja de cansaço.

Ribomba a quando e quando, lúgubre de fracasso  
Um trovão demorado, e a tétrica mantilha  
Que se ergue apavorante e densa no ar, de espaço  
A espaço um raio fende e, ensanguentado, trilha.

No profundo negror dos encharcados ermos  
Julgo ouvir, no rolar merencório das águas,  
Lamentações de dor e gemidos de enfermos...

Pavor em tudo e em tudo um tiritar de morte,  
Coaxam sentidas rãs. E um soluço de mágoas  
Voa no atro rugir gargalhante do norte.

(Viçosa, Alagoas) S. de Almeida Cunha  
(*O Malho*, 356, 10/7/1909)

No Rio, enfrenta a insolação de cubículos barulhentos durante o dia e dorme sitiado por animais vorazes à noite. Além dos percevejos, é obrigado a suportar a companhia de idiotas em quartos de pensão, matéria para a criação, dali a vinte anos, da cesta de ossos do estudante de medicina e repórter Dagoberto, jogada sobre a cama de Luís da Silva em *Angústia*. A experiência do personagem no Rio é mais um dos quadros caleidoscópicos de opressão, iterativos no circuito de máquina dura da narrativa: numa sequência de desatinos convida a dona de pensão, D. Aurora, acompanhada da neta, para irem ao cinema, ao bonde e aos refrescos, ofertas que elas vão aceitando para desespero do miserável. As despesas acumuladas esfriam o bode, que os “cheiros excessivos” das mulheres excitavam violentamente naquele tempo, e, indignado com as cifras, não lhe apetece mais as pernas frias da neta, que ela mete entre a dele, cobrindo-as com um leque enorme no escuro do cinema. Melhor foi a alemãzinha Berta, prostituta “gordinha, redondinha, uma voz suave, apesar dos *rr*”, “a primeira mulher de jeito” com quem se atracou, abordado ao passar de cabeça baixa e as mãos no bolso, certificando-se do escasso dinheiro sujo e amarrotado, para o caldo de cana e o pastel, e de uma carta de recomendação para um diretor de jornal, obtida, a custo, de um deputado: “– Madame, eu sou um bicho do mato, nunca me encostei a uma pessoa como a senhora. Seja franca, madame. Quanto é que lhe devo dar?” (RAMOS, 2000, p. 35, 37).

O pudor familiar, nas cartas coligidas, impede o “autor-ator” — como tão bem caracterizou Rolando Morel Pinto (1962)

*Matéria para  
Angústia*

---

9

o vínculo em Graciliano entre biografia e ficção — de confessar experiências desse tipo, mas que serão reveladas, anos depois de sua morte, pela filha caçula do segundo casamento, irmã coetânea de *S. Bernardo*, ao retomar depoimentos do pai sobre o período de 1914-1915, “uma época cinzenta e anódina, de que é bem representativo um tipo como Osório Duque Estrada, que então pontificava”. Mencionando também a declaração de Graciliano de que “Dagoberto”, seu vizinho de quarto, e a pensão da Rua da Lapa estão em *Angústia*, Clara Ramos revela: “Duas outras figuras dessa fase serão mencionadas em *Angústia*: a filha da dona da pensão da Lapa, moça cujo caráter leviano lhe deixará impressão negativa; e uma prostituta digna, a alemãzinha Berta, de quem guardará excelente lembrança” (RAMOS, 1979, p. 38).

À família, o jovem sertanejo se limita a dar informações amenas a respeito das mudanças de pensão e das poucas melhorias obtidas com isso, como a de dezembro: “Cá na casa em que moro a única novidade que houve foi o casamento da senhorita Lili, um grande acontecimento que trouxe este 110 num extraordinário rebuliço. [...] Hoje recebi, por intermédio da mãe, (vírgula [sic]) um livro que lhe havia emprestado e um gentil botão de flores de laranjeira. Caramba! Se eu soubesse fazer versos líricos, tinha hoje um assunto magnífico...” (RAMOS, 1994, p. 43).

Em *Angústia*, a fidelidade longínqua a Eça de Queiroz ressurgirá pela tipologia da dona de pensão. A respeito de Dona Augusta (também nome da mãe de Amélia, S. Joaneira, em *O crime do padre Amaro*, mas aqui referência à proprietária da pensão de Teodoro, em *O mandarim*), ele diria em meio à enumeração de personagens marcantes, ao protestar contra a depredação da estátua do escritor em Lisboa, na crônica de março de 1915, enviada do Rio ao *Jornal de Alagoas*: “Quem entrando em uma pensão modesta não julgou alguma vez mover-se pelos

corredores o volumoso corpo de D. Augusta?” (RAMOS, 1980, p. 15). E Luís da Silva remoerá em Maceió a lembrança do período carioca: “A neta de Dona Aurora iria ao cinema com os hóspedes que a convidassem. Dona Aurora balançaria os caracóis e as banhas excessivas” (RAMOS, 2000, p. 172-173).

Nesse ritmo de poucas conquistas, resta-lhe o prazer de ouvir seu nome na voz da dona da casa: “– O café para seu Ramos” (RAMOS, 1994, p. 40) – evento raro naquele mundo novo, exceção na rotina mesquinha e anônima mencionada pelas cartas. Ainda assim comprovam mais conforto que a exacerbação de seus sofrimentos, em imissão talvez com o testemunho dos alheios, na configuração hiperbolicamente expressionista, vinte anos depois, de Luís da Silva, cuja passagem pelo Rio de Janeiro degradará do calor infernal da pensão barata ao pedido de esmola a conterrâneos e noites passadas em banco de praça:

Empregos vasqueiros, a bainha das calças roída, o estômago roído, noites passadas num banco, importunado pelo guarda. Farejava o provinciano de longe, conhecia o nordestino pela roupa, pela cor desbotada, pela pronúncia. E assaltava-o [...] Valorizava a esmola: – Trago um romance entre meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer a meus conterrâneos. [...]

Recebia, com um sorriso, o níquel e o gesto de desprezo. O frege-moscas fedia a vinho podre, e o galego, de tamancos, coberto de nódoas, era asqueroso. (RAMOS, 2000, p. 27).

A “pensão” que recebe de casa o envergonha a ponto de, ao dispensá-la, simultaneamente arrepender-se do gesto de independência – o que confessa à irmã Leonor quando menciona o ganho em janeiro de 1915 de cento e vinte e cinco mil réis, insuficientes, e justifica: “não me agrada viver *às sopas da casa*” (RAMOS, 1994, p. 51), como escreverá ao pai no momento crítico de seu retorno em agosto: “A mesada que recebo é um roubo feito a meus irmãos.” (1994, p. 68).

Visita Rodolfo Mota Lima, com quem está morando o irmão Joaquim Pinto, o nostálgico e ingênuo, de chapéu sujo, sem juízo e dando cabeçadas (RAMOS, 1994, p. 52), que em determinado momento está em arranjo com o companheiro de viagem para ficarem juntos numa pensão. Graciliano, que antes de completar um mês de chegada já era *foca* no *Correio da Manhã* (1994, p. 39), como dispôs numa listinha magra de eventos significativos para o inocente, meses depois avisa mãe e irmãs para acrescentarem mais um item a 18 de dezembro: “entrei, como suplente de revisão, para *O Século*” (1994, p. 44) – tão pimpão como quando informa à irmã que gastou 6\$ em papel, cadernos, penas, tinteiro, grampos e a caneta que estreia na carta, além de obter no sebo um dicionário de 50\$ por 24\$, compras realizadas “depois de maduras reflexões”, para continuar a trabalhar em seus contos e – “quanta honra para um pobre marquês...” (1994, p. 42) – providenciar um soneto para o jornal de um amigo, que lhe pediu qualquer coisa para publicar. Era o período em que abandonava definitivamente a pretensão de poeta, antes de abandonar a literatura com a volta a Palmeira dos Índios, para cumprir a promessa aos familiares de dedicar-se ao comércio e nunca mais “abrir um livro” (1994, p. 39-40). Sintomaticamente, uma de suas últimas publicações de poemas, localizada em *O Malho*, no número 640, de 19 de dezembro de 1914, período em que estava no Rio, tematiza perdas e fenecimento:

O velho tronco

No florido pomar o velho tronco dorme,  
Tristemente isolado. Eu creio que é ironia,  
Raiva ou sátira cruel, capricho ou zombaria  
Do acaso estar ali aquela cousa informe.

E foi grande. E, estendendo a galharia enorme,  
Muita vez, a agitar a ramagem sombria,

Amantes abrigou. O sonho, a fantasia,  
Jazem mortos ao pé do tronco desconforme.

Vede. Agora – coitado! – é um teto que declina,  
Um corpo que apodrece, uma pesada ruína,  
Um ser exposto à chuva e ao sol, ermo e fanado

Não vive mais o grande, o velho confidente  
De amores, e, se vive, eu creio que é somente  
Para carpir desgosto e chorar o passado.

Recife

Soeiro Lobato

*Matéria para  
Angústia*

---

13

O ambiente do Rio de Janeiro fica bem caracterizado pela comicidade de uma de suas crônicas, que o jovem talento enviava para o *Jornal de Alagoas*, pouco antes de arranjar espaço para também publicá-las numa coluna semanal em jornal do interior do Rio de Janeiro, *Paraíba do Sul*, entre abril e agosto de 1915. Nesta crônica referida se percebe em versão gaiata a raiz expressionista das memórias de Luís da Silva, no enredo idêntico, mais degradado, de residência na capital do país. “Converso do naturalismo”, para usar a expressão com que Carpeaux (1963, p. 2447) nomeia a superação dialetizada do determinismo nos primórdios do século XX, o narrador sente, tornado farsesco, fraquejar a descrença e apostasia das explicações científicas quando é abordado efusivamente por um desconhecido, confirmando que o ambiente de fato altera o indivíduo, a tal ponto que não reconhece o transeunte. Mas percebe-se a condição recíproca, pois, segundo o rapaz, Graciliano está casado – o que o obrigaria a deduzir-se ele próprio como sendo outro, também por decorrência da rica série de nomes com terminação *-iano*, que a figura usa para chamá-lo:

“Eu estava convencido de que o ambiente não exercia sobre um indivíduo alterações radicais. [...] Um cretino que morasse na aldeia seria um cretino se se transportasse para a cidade, embora suas sandices tomassem nova forma. Um imbecil civilizado, mas

um imbecil. [...] Ora, de ontem para cá têm-se operado em meu espírito graves mudanças” (RAMOS, 1980, p. 11).

A crônica se abre à maneira de conto sinistro, com o prólogo reflexivo preparando a entrada em cena, onde o perseguido inescrutável de “O homem das multidões”, inversamente, porém, a Edgar Allan Poe, passa a ser o próprio narrador, provinciano, bem apanhado, sem rodeios, sem mistérios e sem possibilidade de fuga:

– E como você está diferente, Vespasiano. [...]

– Aquilo por lá bem? A família? A saúde? E o resto? Afinal você se casou. Fez muito bem. Eu recebi a participação de seu casamento. Quantos filhos? E agora a passear. Quando chegou? Ontem? [...]

E não me pude conter que não lançasse um olhar furtivo às vastas abas de meu chapéu, a minha gravata retorcida, a outras pequenas coisas que adornavam minha preciosa pessoa, a ver se descobria qualquer vestígio de um pai de família ou de um tipo chegado de fresco. Eu sou da aldeia, não nego. Mas não gosto que ninguém pense nisso. E resolvi fulminar aquele intruso:

– Não, qual! ora essa! que lembrança! faz muito tempo que moro aqui. Um ano... quero dizer cinco anos, ou mais, quase dez anos. Dez ou quinze, não me lembro bem.

– Pois não parece, Tertuliano, não parece. Julguei que você tivesse vindo agora. Quando volta? (RAMOS, 1980, p. 12).

A linguagem esculhambada do “aquilo” para pessoas e instituições graves, ruptura do tom solene, típica daquele sem-água que traz nos olhos a ardência do sol e a nitidez a socos do céu azul, desmistificação que a prolação engelhada fabricará na obra futura, as generalizações desleixadas arredondando os dados da conversa na bravata provinciana – “um ano, cinco, dez, dez ou quinze, não me lembro” – futuro cacoete em *Caetés*, bem como os motivos da gravata retorcida, do chapéu desabado, do paletó remendado, aí se anunciam, especialmente nesses últimos tópicos, para Luís da Silva, que entretanto não se livrará da

importunação do policial durante os pernoites em banco de praça:

[...] Dois guardas passaram por nós, indiferentes, empunhando inofensivos cassetetes. E eu angustiado dizia que esta grande cidade tem um péssimo policiamento.

– Enfim, meu caro Valeriano, está você no Rio. Isso é magnífico. Está empregado?

Estudou pormenorizadamente as dobras de minhas calças e a cor de minhas botas. (RAMOS, 1980, p. 12).

O ambiente de *Caetés* é lembrado:

– Que fazia você naquela aldeia, Feliciano? Nada. Jogar bilhar, jogar gamão, jogar “loo” com Isidoro e o Marçal, comer, dormir, andar de bicicleta, ir à missa... Uma desgraça. Aqui vive-se. Você verá quando estiver habituado. Sobretudo é preciso que estude alguma coisa, porque um homem ignorante não vive bem em parte alguma.

E, para atestar minha ignorância, lançou um piedoso olhar ao colarinho que me cingia graciosamente o pescoço. (Ibidem, p. 12).

Está claro que a crônica toda é uma condensação não só de suas inquietações, pautadas desde as primeiras cartas, a respeito de ficar ou voltar frente à grandeza pouco receptiva de uma cidade cobiçada, como também de seus convívios, dos quais, ainda escassos em outubro de 1914, ele dá notícias à mãe, com pouca simpatia: “Tenho visto pouquíssimos alagoanos. Têm-me dito que a colônia alagoana aqui é a pior de todas. E eu creio que é mesmo” (1994, p. 40):

– Pois meu caro Diocleciano, não caia na asneira de voltar. Aquilo por lá é uma miséria. O mais que você podia ser lá era oficial de justiça ou inspetor de quarteirão. Aqui o caso muda de figura. Pode você ter aspirações, subir. Não direi que chegue a ministro ou senador. Mas que diabo! – um lugar de contínuo numa repartição sempre conseguirá para o futuro, tendo proteção. [...]

– Ah! se você soubesse a vida regalada que eu tenho levado aqui! Sou um homem feliz. Calcule que... (RAMOS, 1980, p. 13).

*Matéria para  
Angústia*

---

15

E o final burlesco entra pelo campo do conto fantástico:

Não pôde continuar. Um automóvel que rodava a desfilada [em disparada] agarrou-o, atirou-o ao chão, passou-lhe por cima do corpo, vingou-me. Dei um grito, um grito de alívio. E, enquanto o chofer por um lado deitava a fugir, escondido numa nuvem de poeira, eu entrei a correr por outro lado, a fugir também, com receio de que o amável conterrâneo continuasse a palestra. Parei a distância arquejante, ousei olhar para trás.

E percebi, entre o grupo de curiosos que se formara, uma rubra massa de sangue e carne esmagada a bradar:

– Pois é como lhe digo, Maximiano. Tenho gozado muito. Sou um homem feliz. (RAMOS, 1980, p. 14).

O caráter decente e jovial avisa a mãe de que na cidade grande tudo é “reclamo”: o burro fala em voz alta e “às vezes chega a fazer figura diante de outros que são mais burros que ele”. Os animais que têm talento não conversam – pregam. E assim, falando de livros, vitrinas, mulheres, vestuários, tudo é “reclamo”, como a publicidade performática num café, onde um indivíduo começa a gritar “– Escândalo! Patifaria! Maroteira!” – e quando todos se voltam, ele se explica: “– Descansem, meus senhores. Não é aqui, nem agora. É a nova peça *A Moratória Conjugal*, uma peça de gênero livre, somente para homens.” (RAMOS, 1994, p. 49-50). As eleições não são nada diferentes das de Alagoas: “atas falsas” – termo predileto no futuro para referir-se à sua eleição de prefeito – “livros roubados, capangas, atentados contra a liberdade do cidadão” (1994, p. 48).

Entre essas e outras, o segundo semestre parece tornar-se promissor, como informa Graciliano à irmã, desculpando-se da qualidade miserável do papel comercial de sua carta, pois as “tiras” (termo predileto de Graciliano para folhas de papel tipo almoço) foram mal empregadas, talvez, em remessas para Paraíba do Sul, como também se desculpa por não ter enviado a ela as felicitações pela boa vinda de Maniçoba, justificando que a culpa

é do padre: “Sim, do padre, um padre ordenado por mim há pouco, em uma novela que me tomou alguns dias e que há de ter por aí um êxito considerável” (1994, p. 59-60).

De qualquer modo pode-se constatar ser este um período de criatividade intensa, se descontarmos o tempo gasto nas madrugadas de revisão, ainda que as ofertas de trabalho fossem escassas no início, obrigando-o a ir em determinado momento “durante vinte e tantos dias consecutivos, procurar, em vão, trabalho ao jornal” (1994, p. 45).

Na conversa amorosa entre irmãos, ele narra a Leonor complicadas peripécias sobre publicações possíveis: Falcão, seu novo amigo, lhe havia pedido uma novela para a *Revista Americana* e ele apresentou *Um retardatário*, que, segundo o amigo, num encontro aos abraços, “aquela *joça* está magnífica”. (1994, p. 61).

Trabalhando há três dias em *A Tarde*, inseguro quanto à necessidade de voltar, pensa ainda ser possível permanecer no Rio, talvez com outro jornal à noite ou dando lições em algum colégio: “Não me tenta a Palmeira. Mas acredito que com o sacrificar-me não sacrificarei grande coisa” (1994, p. 69). Assim se encerrava a “carreira” de escritor, que o pai zeloso não queria estragar – uma carreira, que, entretanto, o idiota da família lhe afirmava não existir.

Semanas antes, ele ainda se apegava ao sonho de ser escritor, confessando suas expectativas à irmã querida, que logo seria levada pela peste bubônica que atingiu Palmeira dos Índios: “E, pensando bem, chega-se a esta conclusão – um animal que, aos treze anos, publicava sonetos idiotas no *Correio de Maceió* e no *Malho* (barbaridades, está claro!) pode, talvez, aos vinte e três quase, não tendo perdido todo seu tempo, fazer qualquer página passável. É verdade ou não é verdade?” (1994, p. 62).

Mas, por enquanto, restariam ao rapaz vencido as ruínas  
que o adolescente pressentira:

*Marcos  
Falchero  
Falleiros*

18

Na penumbra

Esta sombria e lúgubre vereda,  
Cheia de sombras rígidas, conjuntas,  
Nem mais um traço mostra da alameda  
Onde passaram nossas almas juntas.

Tudo é floresta emaranhada e treda  
Onde só se ouvem as lúgubres perguntas  
Que triste, o vento, a soluçar segreda  
Nas ramagens das árvores defuntas.

E eu habito este bosque, e, na penumbra,  
Muitas vezes, assim como um bom sonho  
Meu vivo olhar teu vulto além vislumbra.

Fico, porém, sem forças no caminho,  
Febril, exausto, pálido, tristonho,  
Frio, arquejante, trêmulo, sozinho...

S. Paulo<sup>1</sup>            S. de Almeida Cunha  
(*O Malho*, 356, 10-7-1909)

### Subject matter for *Anguish*

**Abstract:** Graciliano Ramos has always confessed his lack of imagination. Rolando Pinto Morel diagnosed this aspect of his work with the qualification of “author-actor”: it reveals the artist’s need to compose the characters of his novels with elements of his own biography. In *Anguish*, especially, this occurs when Luis da Silva recalls the time he lived in Rio de Janeiro. Between August 1914 and August 1915, the young Graciliano lived in Rio, working in the press in poor conditions, aiming to establish himself there as a writer. After all, he returned to Palmeira dos Índios, in the midst of a family tragedy, decided to abandon his vocation.

**Keywords:** Graciliano Ramos. *Anguish*. Biography. Event and form.

---

<sup>1</sup> Moacir Medeiros de Sant’Ana observa que além de se ocultar nos pseudônimos, Graciliano alterava os locais de origem do autor (1983, p. 17).

## Referências

CARPEAUX, Otto Maria. *História de literatura ocidental*.v. 5. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963.

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Acervo de Periódicos. Coleção *O Malho*. Rio de Janeiro.

PINTO, Rolando Morel. *Graciliano Ramos – autor e ator*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano – confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cartas*. Seleção das ilustrações, diagramação, edição do texto, notas e apresentação de James Amado. 8. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Record, 1994.

\_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1980.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Graciliano Ramos*. Achevas biobibliográficas. Maceió: Arquivo Público de Alagoas/ Senec, 1973.

\_\_\_\_\_. *Graciliano Ramos antes de Caetés*. Catálogo da exposição biobibliográfica comemorativa dos 50 anos do romance. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983.

*Matéria para  
Angústia*

---

19